

LIÇÃO DE VIDA ■■ Embora sem os movimentos e com dificuldade para respirar, monge rio-pardense mantém a serenidade e o engajamento

Nem mesmo ELA consegue parar Dom Irineu

Ricardo Düren

✉ ricardo@gazetasul.com.br

Os fiéis que assistiam às missas do padre Marcelo Rezende Guimarães, nos tempos em que ele rezava no Mosteiro da Santíssima Trindade ou ainda nos encontros do *Em Busca da Paz*, costumavam ser contagiados pelo clima de serenidade que o acompanhava na condução dos ritos. Com uma fala mansa e um grande sorriso onipresente nos lábios, Marcelo interpretava as passagens bíblicas mantendo um tom de intimidade com a plateia, e gostava de permear a cerimônia com cânticos entoados ao estilo gregoriano.

Hoje, é com a mesma serenidade demonstrada em suas missas que ele se mantém engajado nas causas pacifistas, mesmo com as dificuldades impostas pela esclerose lateral amiotrófica

(ELA), doença que paralisa os membros e está em voga no mundo todo por conta do Desafio do Balde de Gelo.

Natural de Rio Pardo, Guimarães foi ordenado padre em 1985. Logo assumiu funções chave na Igreja local, tais como a de vigário da Catedral de Santa Cruz e cargos de coordenação na diocese. Fundou e presidiu o projeto *Em Busca da Paz*, que congrega

grupos de jovens de comunidades católicas da região engajados em ações pacifistas. Seu interesse por mobilizações dessa natureza também o levou a coordenar o Comitê Gaúcho Pelo Desarmamento, a ONG Educadores Para a Paz e a Campanha Brasileira para o Banimento de Minas Terrestres. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), lecionou em universidades e é autor de livros e dezenas de artigos onde aborda a educação voltada para a paz.

Os primeiros sintomas da doença surgiram em junho de 2008. Na época, Guimarães já havia ingressado na vida monástica, opção que, como

“Esta doença me trouxe mais coisas do que me tirou, como por exemplo uma grande serenidade, paciência e confiança nos outros

Dom Irineu Guimarães
Monge beneditino

determina a rígida cartilha beneditina, gerou a mudança de seu primeiro nome – de Marcelo para Irineu. Então prior (superior) do hoje extinto Mosteiro da Anunciação, em Goiás, Guimarães procurou o médico porque começara a mancar da perna esquerda. Logo os médicos o encaminharam a diversos exames – todos inconclusivos. Já em meados de 2009, diagnosticaram que Irineu estava com uma inflamação nos músculos e iniciaram um tratamento.

A confirmação do diagnóstico de ELA só veio em agosto de 2010, nove meses após a transcrição de Irineu para a Abadia

de Notre-Dame de Tournay, no sudoeste da França. “Por um lado, depois de dois anos de busca, fiquei sereno em saber precisamente o que tinha. Por outro foi um choque, dado que na minha família uma tia e uma prima pelo lado paterno tiveram a mesma doença”, relembra ele.

Hoje com 55 anos, o monge tem os membros superiores e inferiores totalmente paralisados. Como os músculos do diafragma não funcionam, respira com ajuda de uma máquina ligada 24 horas por dia. Sem movimentar as mãos, não consegue mais guiar a cadeira de rodas elétrica e conta com auxiliares para os deslocamentos na abadia. O tratamento para a



■ ■ Monge segue atuante, apesar da paralisia

ELA, que não tem cura, consiste na administração de medicamentos contra a dor e em fisioterapia, imprescindível para evitar a calcificação das articulações.

Porém, as limitações impostas pela esclerose não impedem o monge de seguir com o ativismo pacifista e com suas pesquisas acerca do tema. Com uma forcinha da tecnologia – inclusive, de um computador comandado pelo movimento dos olhos – Irineu segue escrevendo e organizando conferências. As próximas, acerca da educação para a paz, serão no outono e no inverno franceses (respectivamente, na primavera e no verão brasileiros). No ano passado, Irineu já havia mi-

nistrado seis conferências, uma a menos do que em 2012.

O monge também concluiu recentemente um livro de 340 páginas intitulado *Correspondência com Irene: meditações de um cristão sobre a paz e a não violência*. A obra busca na Bíblia as raízes do pacifismo cristão, ideal que o autor visa resgatar. Irineu também escreve mensalmente cartas onde propõe, em cada, uma oração pela paz (o material é bilíngue e pode ser acessado no site <http://2prayforpeace.blogspot.fr/>). Também com ajuda de seu supercomputador, Irineu conversou com a **Gazeta do Sul** e respondeu às perguntas abaixo.

A doença*

A esclerose lateral amiotrófica (ELA) é provocada pela degeneração progressiva dos neurônios motores, células nervosas do cérebro e da medula responsáveis pelos movimentos musculares. Com a degeneração, os neurônios motores param de enviar impulsos para os músculos, que atrofiam. Com isso, o paciente vai perdendo os movimentos, sem, entretanto, sofrer prejuízos no raciocínio, na audição, no paladar e no olfato.

A causa da degeneração dos neurônios é desconhecida, mas não se descarta a interferência de fatores genéticos – Irineu, por exemplo, teve uma tia e uma prima com a mesma doença – e da idade, visto que a maioria dos pacientes tem mais de 60 anos. Desde julho, a campanha internacional conhecida como Desafio do Balde de Gelo tem chamado a atenção para a doença, que, só no Brasil, atinge cerca de 6 mil pessoas.

*Fonte: www.tudosobreela.com.br

ENTREVISTA

Dom Irineu Guimarães



“Se eu não posso fazer muitas coisas, eu posso ser uma presença: presença de alegria, presença de escuta.

Gazeta do Sul – Qual sua rotina no mosteiro? É possível cumprir, mesmo com a doença, as rigorosas regras de São Bento?

Dom Irineu Rezende Guimarães – A tecnologia ajuda muito. Conto com um computador, fornecido pela Associação Francesa de pacientes de ELA, que posso comandar com movimento dos olhos, o que me permite acessar meus e-mails, ler jornais e navegar pela web. Consigo participar da missa conventual e geralmente das vésperas. Os outros ofícios, como as leituras do refeitório, chegam a mim através de um sistema de sonorização. Mesmo com todas essas limitações, vivo o essencial da Regra de São Bento, que consiste em nada preferir ao amor de Cristo e viver uma comunhão contínua com Deus. Por três anos exerci o cargo de prior em Tournay, já em cadeira de rodas. Hoje ainda tenho responsabilidades na comunidade, como selecionar as leituras da liturgia e ser diretor espiritual de algumas pessoas. Em tudo isso, sou sustentado pelo grande apoio do abade, Dom Joel Chauvelot, pelo carinho da comunidade e de

muitos amigos da França e do Brasil. Todas essas pessoas me apoiam sobretudo com sua oração. É dela que tiro a força.

Gazeta – Quem teve contato com o senhor se surpreende com sua serenidade, apesar das limitações impostas pela ELA. Qual o segredo disso?

Dom Irineu – Costumo dizer que esta doença me trouxe mais coisas do que me tirou, como por exemplo uma grande serenidade, paciência e confiança nos outros. Se ELA me dá trabalho, eu também dou trabalho para ELA. Quando penso em desanimar, Deus me faz abrir um sorriso e consigo continuar meu caminho. Penso que três elementos contribuem para essa atitude. Primeiro, a espiritualidade e a fé em Deus, assim como os ensinamentos da Regra de São Bento que me incentivam a me sentir feliz mesmo em momentos difíceis. Segundo, o exercício de um autoconhecimento proporcionado por alguns anos de terapia junguiana (*ramo da Psicologia*) que me deram instrumentos para pene-

trar nas profundezas de meu ser. Terceiro, meu engajamento pela paz e não violência, que me obriga a pôr em prática aquilo que desejo. Gandhi dizia: “Seja você a mudança que deseja para o outro”. Hoje, sinto que essa paz e essa não violência, mais que um discurso intelectual, estão profundamente impregnadas no meu ser. Se eu não posso fazer muitas coisas, eu posso ser uma presença: presença de alegria, presença de escuta.

Gazeta – Após dedicar praticamente a vida inteira a Deus, como encara o fato de que tal fardo tenha recaído justamente sobre o senhor? Não abala a fé?

Dom Irineu – São Paulo na carta aos Romanos afirma que “tudo contribui para o bem dos que amam a Deus” (Ro, 8,28). Essa citação bíblica me inspira profundamente. A cultura contemporânea confunde sofrimento com infelicidade. Contudo, a fé cristã nos mostra que podemos ser felizes mesmo no sofrimento. Quando as pessoas perguntam como vai minha saúde, eu respondo: “O que

você entende por saúde?” Porque eu sou feliz e me sinto muito bem apesar das limitações do corpo. Em tudo isso sinto que é uma grande manifestação da presença e do amor de Deus para comigo.

Gazeta – Como observa o Desafio do Balde de Gelo?

Dom Irineu – Na França, que conta com 60 milhões de habitantes, mil novos pacientes de ELA são diagnosticados a cada ano. No entanto, pouco se conhece sobre as causas e os mecanismos dessa doença. A conscientização e a mobilização em torno dessa causa, sem dúvida, serão benéficas para incentivar a pesquisa científica e estimular decisões políticas para encontrar a cura dessa doença e tratamentos adequados e acessíveis. Aqui na França existem 18 centros médicos referenciais para essa doença, contando com o trabalho profissional de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, ergoterapeutas etc, visando proporcionar maior bem-estar aos pacientes. ■